



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Uma Carta a Cassandra. A Casa. Pedro e Inês.

AUTOR

Pedro Eiras

ANO

2014

2016 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Pedro Eiras

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Maio 2016
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Uma Carta a Cassandra. A Casa. Pedro e Inês.

AUTOR

Pedro Eiras

ANO

2014

Estes textos foram publicados
nos livros *Teatro I e II*, da
Edições Húmus, em 2014

2016 Coimbra



Pedro Eiras

1975. Porto. Dramaturgo, ficcionista, ensaísta. Desde 2001, publicou diversas peças de teatro, como *Antes dos Lagartos*, *Um Forte Cheiro a Maçã*, *Uma Carta a Cassandra*, *Um Punhado de Terra*, *Bela Dona*. Reuniu o essencial do seu teatro nos volumes *Teatro I e II* (Edições Húmus, 2014). As suas peças têm sido publicadas e encenadas ou lidas em cerca de dez países. Destaque para as produções recentes de *Uma Carta a Cassandra* pelos teatros Les Tanneurs (Bélgica), e Unteatru (Roménia). É professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nunca acreditou, como Aristóteles, que o teatro purifique. Pelo contrário, pensa que o teatro é peste, terror, puro incêndio.

UMA CARTA A CASSANDRA

PERSONAGENS

José, 23 anos.

Vera, 24 anos.

Cena 1.

José escreve uma carta a Vera.

Vera, meu amor,

Tenho muitas saudades tuas. Sonhei que estávamos no quarto a fazer amor. Era muito estranho, havia uma grande ventoinha no tecto, e tu eras vermelha como um morango maduro. Morangos é coisa que não há aqui, como calculas, mas ainda há dias pareceu-me que me cheirava àqueles morangos de quando era miúdo, quando se desfaziam nos meus dedos. Eu passava dias a esmagar morangos, a sentir a polpa. Dava tudo para poder voltar a sentir

Tenho saído pouco do quartel. As palpitações por causa da desidratação já passaram, habituei-me ao calor, não dou por nada. Recebemos uma licença de dois dias. Não sei como os hei-de ocupar, não há nada para fazer. Queríamos ir dar uma volta pelo deserto mas o nosso capitão acha demasiado perigoso. Seja como for, no deserto já estamos nós. A minha única felicidade é saber que não estás aqui.

Não sei se tens sabido das notícias, ainda vamos ficar cá mais seis meses. Tu, que tens esse dom de adivinhar tudo, vê se adivinhas o dia em que vou embora. Ontem morreram mais três de nós num atentado. O enterro foi ao fim da tarde, estava lá a televisão, tu hás-de ter visto no noticiário. Mas a televisão não mostra nada do que se passa aqui, Vera. Os três que morreram ainda ontem estavam aqui a escrever cartas como eu. Oxalá eu mereça voltar.

Estou com remorsos por escrever-te uma carta tão triste. Quando peguei na esferográfica, pensei que te ia mandar boas notícias. Mas as cartas têm uma força estranha, desobedecem à nossa vontade e dizem o que lhes apetece. Como tu és muito boa, eu sei que me perdoas.

Quem me dera poder voltar a sentir-te.

Prometo-te um beijo com muito amor,

José

José dobra a carta e coloca-a no envelope.

Esconde a cara com as mãos. Levanta a cara, olha o público.

Desculpa, Vera. Jurei que nunca te ia mentir, e não consigo. Fugimos para o barco que os pescadores tinham arrastado até às dunas, escondemo-nos, despimo-nos. Depois, disse que nunca te ia mentir. Vera, se eu pudesse voltar atrás e mudar o que disse, eu voltava e mudava. Olhaste para mim muito séria, respondeste, não acredito. Tiraste da carteira uma garrafa de água que estava a meio e bebestes, quase de costas para mim. Pus a mão no teu ombro e disse, a sério. Se pudesse voltar a pôr a mão no teu ombro, Vera.

Como se tivesse sido ontem. Noutra vida.

Podes desculpar-me?

Ouves a minha voz? Vês-me, enfiado entre estes quatro muros? O sol bate-me, tenho muita sede e ainda faltam mais de três horas para começar a ser noite. Há duas

moscas juntas no meio da luz. As moscas e o pó são a minha única companhia. E as vozes, Vera. Se soubesses. E este sol no pátio, que só descerá por cima do arame farpado daqui a mais de três horas, a chicotear-me enquanto estou de plantão.

Ouçó ao longe um tiro. Outro. Depois nada. Ouves, Vera? Consegues ouvir?

Abrem os portões para um camião entrar, o soldado que vai ao volante faz-me um gesto, com o sol não vejo quem é, faço também um gesto e reparo que o camião tem uma mancha de sangue, de lado. Buzinam muito alegres.

Tu olhaste para mim e disseste que acabamos todos por mentir mais tarde ou mais cedo, eu olhei e vi uma gota de esperma caída no teu vestido, respondi que eu não, preferia ferir-te a mentir-te, porque uma relação não pode viver na mentira. Disse eu. Disse eu. E tu olhaste para mim e não respondeste, foste devagar à água para lavar o sangue e eu vi-te muito branca onde as ondas rebentam.

Vês, Vera, também estou a tremer agora, mas já não é porque o meu corpo arrefece, é por causa do sol e dos lábios secos. Lá dentro ouço risos, parece que vêm de muito longe. Pregaram uma folha de jornal à parede, com retratos do inimigo, e atiram setas de plástico. A folha está a rasgar-se e ao lado colaram outra, uma fotografia de uma mulher nua em cima de um carro, com as pernas abertas. Quando começaram a apostar a dinheiro, os ânimos aqueceram. Ontem dois acabaram à bulha e um ficou com um lanho na testa, porque o atiraram contra uma cama de ferro.

Outro tiro. Também há uma mulher a gritar, ao longe. Atrás do muro. Não sei como é a cara dela.

Uma voz começa a falar na minha cabeça, tão baixo que ainda não percebo nada. A loucura corre para mim, Vera. Sinto a respiração pesada em cima da nuca.

Eu quase tinha adormecido na areia, tu vinhas acordar-me com o cabelo molhado muito frio. Estava a sonhar, acordei sobressaltado e disse: tu não acreditas em mim. Ontem, quando prendemos aqueles cinco homens, vi uma mulher parecida contigo, Vera. Não quero pensar nisso.

Tenho de ficar calmo.

O nosso primeiro mês aqui foi estranho, mas eu ainda conseguia organizar as ideias. Havia muito para fazer, recebíamos ordens detalhadas, com calendários cheios. Tu queixavas-te por eu não escrever, lembras-te? Porque só tinha tempo para escrever à noite, e chegava tão cansado que adormecia a meio da carta. Telefonava-te e tu achavas a minha voz estranha. Eu dizia que era da linha. Mas tu já sabias. Sabes sempre. Algemámos os cinco homens e afastámos a multidão. Mas a mulher não fez nada. Ficou mais atrás a olhar para mim. Eu olhei e pensei que eras tu, quase dei um passo em frente, quase disse o teu nome, houve um grito que me fez parar, não eras tu.

Tu e o fio de sangue na areia.

Eu pensei, não, Vera, desta vez estás enganada, nunca te vou mentir, tenho a certeza, se eu mentir nunca mais me dirijas a palavra.

A loucura corre para mim.

Os cinco homens revistados, encolhidos sobre as barrigas, um estava com febre. Não quero pensar nisso.

Depois deixámos de receber instruções. Passávamos o tempo a controlar os ânimos exaltados, tentávamos explicar à população que só estamos aqui enquanto se prepara um regime democrático, e depois ficámos sem instruções. Três meses de trabalho, de risco, e depois nada. Não sei quantos morreram nos tiroteios, estávamos tão ocupados que nem perdíamos tempo a pensar. Foi como se toda a gente

se tivesse esquecido de nós. Manter a vigilância, só nos cabia manter a vigilância. Abafar motins, se houvesse motins. Ficámos por nossa conta no fim do mundo. Eu telefonava-te, tu perguntavas, quanto tempo ainda? Eu dizia, não sei. Estás bem? Não sei. E ouvia as vozes.

A loucura corre para mim e não pára.

Uma mulher parada. Depois cobriu a cara e recuou. O grito que me tinha acordado era de um deles. Tinha resistido a entrar no camião.

Nunca te vou mentir, nem que morra. Sou mais forte do que a mentira. Disse eu.

Lá dentro estão a chamar-me, abriram cervejas. Finjo que não ouço, até se cansarem. Agora, um tiro dentro do quartel. Disparam contra uma pilha de latas de cerveja. A cerveja explode e deixa o chão manchado. Depois seca. Outro tiro. Voltam a acertar.

As duas moscas copulam. Parece que olham para mim. Têm os olhos brilhantes e reflectem-me. Eu posso dar um passo e elas fogem.

Não consigo.

Quanto tempo ainda, seis meses, um ano? Não sei, Vera. Tens de saber, eles têm de te dizer alguma coisa. Não dizem, Vera, não sei.

O homem que tinha febre pediu água. Um dos nossos disse, já te dou a água. E riu-se. Quando comecei a ouvir vozes, fui conversar com dois soldados da minha camara-ta. Preciso de falar convosco. São dois rapazes da minha idade e eu pensei que não fazia mal contar-lhes. Olhem, ando a sentir-me esquisito. Ó pá, esquisito, foda-se, qu'ê que 'tás a dizer? Esquisito, ando a dormir mal, vou para a cama e tenho palpitações, estou bem e quando me deito começo a sentir o coração, pum pum pum pum pum, parece que vai rebentar. Caraças, disseram eles, tu cuida-te. Cuida-te, foda-se! Manter a vigilância.

Uma mulher igual a ti, Vera.

Umas palpitações, deito-me à meia-noite e só adormeço pelas quatro ou cinco, já experimentei ir beber água a ver se acalmo, quando me volto a deitar é a mesma coisa, parece que vou morrer, fico todo transpirado, falta-me o ar. Ó pá, esta merda 'tá a dar-t'a volt'ò miolo. Pois está, se calhar está, não sei o que hei-de fazer. Pá, tu precisavas era d'ir às malucas, ias uma noite às malucas e essa merda passava-te logo, pá.

As malucas.

Ouço a loucura do outro lado do muro. Vera, ouves a loucura a babar-se na minha nuca? Acabamos sempre por mentir, Vera.

Tenho sede. Já te dou a água. E riu-se.

Não quero pensar nisso.

O pessoal leva-te às gajas. Vocês não estão a perceber, sinto que estou a ficar doido. Isso é do cagaço, pá, deixa-te de merdas! Temos aqui erva da boa. Não quero fumar. Deixa-te de merdas, pá, deixa-te de merdas, foda-se!

Todos fumam, Vera. No início, era quando tinham folga. Ficavam no quartel. Telefonavam para casa, viam televisão até às tantas, começaram a jogar. Depois alguns arranjaram contactos e começaram a vender. Os capitães fecham os olhos. Agora, alguns saem completamente pedrados logo de manhã.

Não conseguia dormir. Durante uma semana ou duas aguenta-se. Passei os dias mais cansado, tinha sono a meio da tarde, quando andava em patrulha. Um dia adormeci no camião e acordei com a explosão de uma bomba. Um dos nossos esta-

va numa poça de sangue, sem pernas, outro entrou em pânico e desatou a gritar e a disparar para todos os lados.

Mais de três horas para o sol.

Uma mulher como tu.

Vera.

Ao fim de duas semanas com palpitações, a dormir sem dormir, a acordar mal uma das camas range, tudo se torna confuso. Há muito silêncio. Se alguém fala, o som é muito violento. Pensa-se, mas parece que os pensamentos estão errados.

Decidi ir ao médico. Uma vez falei-te dele por telefone, Vera, durante uns anos foi vizinho dos meus pais, quando cheguei aqui reconheci-o e ele reconheceu-me, até me disse que eu falasse com ele se precisasse de alguma coisa. Fui ao consultório, um cubículo abafado, o médico estava de mangas arregaçadas, com a testa cheia de suor. Eu disse-lhe, senhor doutor, não me sinto bem, não consigo dormir, tenho ideias negras, não me sinto muito ligado à vida, não sei se me faço entender.

Tenho sede. Já te dou a água.

Mente-se sempre, nem que seja por omissão.

Este médico foi vizinho dos meus pais durante anos, eu pensei, ele vai compreender-me. Ele tinha a testa a escorrer suor e brincava com uma rosa-do-deserto, não sei se sabes o que é, com o calor do dia e o frio da noite a areia do deserto dilata e contrai, e acaba por formar uma estrutura rendilhada, talvez um dia eu te leve uma rosa-do-deserto, Vera. Senhor doutor, preciso de meter baixa.

Um tiro.

Alguém está lá dentro a dizer: foda-se.

Depois alguém diz: foda-se o quê, caralho?

O que é que eu estava a dizer?

O que é que eu estava a dizer ainda agora?

A loucura do lado de lá do muro.

Preciso de ir para casa.

Ó meu amigo, disse o médico, vou receitar-lhe uns comprimidos, dou-lhe já uma caixa, a outra manda-se vir, está cá daqui a duas semanas, três comprimidos por dia, um ao acordar outro ao almoço outro ao jantar, isso é uma reacção ao stress, nestas coisas acontece muito. Senhor doutor, sem querer faltar ao respeito, acho que não estou em condições de desempenhar a minha função. Ó meu amigo, você está a dormir mal, só isso, você está a dormir mal.

E deixou cair a rosa-do-deserto ao chão.

Quanto tempo ainda, José? Não sei, Vera.

Vou receitar-lhe umas vitaminas.

Alguns já saem pedrados de manhã cedo.

Um tiro.

Corre para mim.

E eu dormia debaixo das estrelas, tu chegavas com os cabelos molhados.

Vera, Vera, acabo de ter a sensação de estar contigo nas dunas e de nada disto ter acontecido.

Olha, estou a sentir outra vez. Estou contigo.

Não.

Estou aqui.

Estou aqui.

Senhor doutor, tenho medo de fazer um disparate. Que tipo de disparate? Não sei, tenho ideias negras, estou sempre a pensar que vou morrer. Não vai morrer nada, distraia-se que o seu mal é ficar a pensar na morte da bezerra.

O que é que eu estava a dizer?

Ah, pois, ele disse, o seu mal é estar a pensar na morte.

Tenho medo de perder o controlo, senhor doutor, ouço vozes. O que é que essas vozes lhe dizem? Senhor doutor, estou a sentir-me mal, tenho as pernas muito pesadas, estou a sentir-me fechado aqui dentro! Tenha calma, comporte-se como um homem, que diabo!

Os homens encolhidos junto à parede, junto às grades. O homem que tinha febre. Tenho sede. Já te dou a água. E riu-se. Trouxeram os cães. Depois olharam para mim. Ó José, anda cá, dá aqui uma ajuda. E riram-se.

Mentimos sempre, Vera, mentimos por omissão e desespero.

Comporte-se como um homem!

Pedrados de madrugada pedrados de noite pedrados ao fim do dia pedrados ao fim da tarde.

A loucura a um metro de mim.

Tenho muito medo do que posso fazer.

Comporte-se como um homem!

Agarrei-me à cadeira e tentei respirar. O médico tinha arregaçado mais a manga com um gesto nervoso e eu vi o braço dele. Todo negro. Todo picado.

Quanto tempo ainda, José?

Anda cá, José!

Dá aqui uma ajuda!

Os medicamentos ajudaram. Durante uma semana dormi muito e não te telefonei. Na semana seguinte não consegui dormir outra vez e as vozes voltaram.

Foi nesse momento que decidi explicar tudo ao nosso capitão. Já te falei do nosso capitão, Vera. Já te contei como ele dominou uma população furiosa. Estávamos em desvantagem, era praticamente uma emboscada, mas ele manteve sempre o sangue-frio e mandou –

Ele mandou –

Arranjei coragem e fui –

O que é que eu estava a dizer mesmo agora?

Tenho sede.

Não!

Anda cá, José!

A dez centímetros de mim.

Meu capitão, disse eu, posso dar-lhe uma palavra? Sinto-me muito mal, o médico disse que com os comprimidos ia passar mas ainda estou pior, não consigo dormir, ouço vozes a dizerem-me que me mate, depois ouço vozes a dizerem que mate toda a gente, tenho muito medo do que posso fazer, preciso de voltar para casa.

Um rio de sangue.

Tenho sede. Já te dou a água. E riu-se. E abriu a braguilha.

Meu capitão, preciso.

De.

Não quero pensar nisso.

Manter.

Cinco milímetros.

Preciso de voltar para casa.

Ele respondeu, daqui ninguém sai, o exército precisa de todos. Eu pensei que o nosso capitão não acreditava em mim, e disse, meu capitão, não estou a fingir, não estou a exagerar, não estou em condições. E ele repetiu, o exército precisa de todos. Eu disse, mas eu estou doente, estou a ficar louco, tenho medo de me transformar num assassino. E ele voltou a dizer, o exército precisa de todos.

Anda cá, José!

É mais fácil mentir escrevendo cartas do que telefonando.

Escrevo-te cartas, Vera, escrevo-te cartas.

Quero ir para casa.

Já não tenho casa.

Vera, perdoa-me.

José, anda cá!

José, traz os cães!

José, estás a ouvir, foda-se?

Traz os cães, José!!

Traz os cães, José!!!

Cena 2.

Vera recebe a carta de José. Abre-a, lê-a.

Vera, meu amor,

Tenho muitas saudades tuas. Sonhei que estávamos no quarto a fazer amor. Era muito estranho, havia uma grande ventoinha no tecto, e tu eras vermelha como um morango maduro. Morangos é coisa que não há aqui, como calculas, mas ainda há dias pareceu-me que me cheirava àqueles morangos de quando era miúdo, quando se desfaziam nos meus dedos. Eu passava dias a esmagar morangos, a sentir a polpa. Dava tudo para poder voltar a sentir

Tenho saído pouco do quartel. As palpitações por causa da desidratação já passaram, habituei-me ao calor, não dou por nada. Recebemos uma licença de dois dias. Não sei como os hei-de ocupar, não há nada para fazer. Queríamos ir dar uma volta pelo deserto mas o nosso capitão acha demasiado perigoso. Seja como for, no deserto já estamos nós. A minha única felicidade é saber que não estás aqui.

Não sei se tens sabido das notícias, ainda vamos ficar cá mais seis meses. Tu, que tens esse dom de adivinhar tudo, vê se adivinhas o dia em que vou embora. Ontem morreram mais três de nós num atentado. O enterro foi ao fim da tarde, estava lá a televisão, tu hás-de ter visto no noticiário. Mas a televisão não mostra nada do que se passa aqui, Vera. Os três que morreram ainda ontem estavam aqui a escrever cartas como eu. Oxalá eu mereça voltar.

Estou com remorsos por escrever-te uma carta tão triste. Quando peguei na esferográfica, pensei que te ia mandar boas notícias. Mas as cartas têm uma força estranha, desobedecem à nossa vontade e dizem o que lhes apetece. Como tu és muito boa, eu sei que me perdoas.

Quem me dera poder voltar a sentir-te.

Prometo-te um beijo com muito amor,

José

Pausa.

Finalmente, Vera começa a falar.

Foi na praia, José, eu respondi que não acreditava. Tu disseste, nunca te vou mentir, eu olhei para o mar, para o céu, uma sombra debaixo de outra, vi logo que isso já era mentira, vi que tu me ias mentir, um dia, e que já estavas a mentir, nesse instante, sem saberes. Respondi, não acredito. E tu ficaste ofendido, mas eu já sabia que não tinhas razão. Se pudesses saber que este dom de adivinhar é uma queimadura viva, talvez tivesses fugido. Mas tu mal sabias ver o vento e a água, quanto mais o futuro. Ficaste caído na areia, eu ainda vi o fio do teu esperma, fui ao mar lavar os olhos com sal, para poder ignorar o tempo e as mentiras que haviam de vir. O mar fez-me

bem, riscou-me os olhos como uma lixa. E pensei: sou maldita, porque adivinho o futuro. Sou maldita, porque não posso crer em ti. Sou maldita, porque já sei que um dia me vais mentir e não sei quando será, adivinho que omitirás os teus dias mas não sei quando serás sincero, viverei contigo debaixo do sobressalto.

A água vazou-me os olhos cheios de imagens e fiquei como cega durante essa noite, porque precisava de acreditar no futuro.

José, adivinhar os acontecimentos é a dor mais violenta. Este dom, que é como sofrer um castigo sem ter culpa, surgiu em mim quando percebi que a minha mãe ia morrer. E o meu pai dizia entre lágrimas secadas que daí a dias ela se havia de levantar. Eu sabia por dentro que era mentira. Eu sabia quantos dias, quantas horas faltavam, quantos segundos. E só podia esperar, enquanto o meu pai escondido nos cantos se deixava ferir pelo desgosto. O dia veio e eu acordei, sentei-me ao lado da minha mãe que estava tranquila. O meu pai, vendo que a garrafa de soro ia a meio, levantou-se para ir buscar outra, mas a minha mãe disse que não valia a pena. E eu percebi que o dom de adivinhar me tinha sido transmitido pelo sangue da minha mãe. Dei-lhe a mão e pensei, três minutos, quarenta e um segundos.

Se soubesses como nunca mais pude dormir, José, perceberias estas rugas, estas mãos crispadas com que tanto te admiras, este jeito tenso de saber se amanhã chove ou faz sol. E embora o dom de adivinhar nunca me deixe saber tudo, tornei-me tão rápida que até eu me surpreendo com a evidência do mundo.

Eu disse-te, nas dunas: agora que me amaste, preciso que saibas quem sou e que estranho poder a natureza me deu. Ouviste atento, eu já sabia que não ias acreditar, que me ias pôr à prova, que ias dizer: então adivinha lá o que tenho na cabeça neste instante. E tu ouviste e disseste: então adivinha lá o que tenho na cabeça neste instante. E eu respondi: uma criança a jogar à bola contra um muro esfolado, um sol entre ramadas de vides, um chapéu com um jota amarelo que o teu pai te deu quando foram a um jogo de futebol. Deste um salto em pânico, e sem reparares no que fazias tapaste o teu sexo com a camisa amarrotada. Eu ouvi que me chamavas bruxa dentro do teu pensamento, não podias evitar, eu pedi que não falasses, não sou bruxa, sou uma pobre mulher. Murmuraste que ias ter de te habituar, eu disse que ias a tempo de fugir, tu respondeste que querias ficar comigo, que nunca me ias mentir, que te era indiferente eu ter este dom, que não tinhas medo. Eu disse que ias a tempo de fugir, José, mas na verdade já muitos anos antes tinha adivinhado que havia de viver com o homem que me amasse nas dunas de uma praia.

E lavei os olhos com o sal do mar, José, para tentar não ver que me ias mentir um dia, e que já estavas a mentir sem saberes. Mentir por mentira. Por omissão. Por vergonha ou por culpa. Fiquei cega durante uma noite para poder acreditar no futuro, para ver apenas o teu corpo e o teu espírito, os fios de suor no teu peito, para beber o teu esperma e morder os teus dedos, esquecida de mim e capaz de acreditar na tua verdade.

Se eu tivesse hoje esse mar aos pés, José, para cegar os meus olhos e não ler a tua carta – Tens escrito tão pouco. Telefonado tão pouco. Mas tu mesmo dizes: «Recebemos uma licença de dois dias», e depois, «Não sei como os hei-de ocupar, não há nada para fazer». Serei eu demasiado acordada, José? Deveria ler a tua carta a correr, esquecer rapidamente as tuas frases? Mas não posso. Leio e não percebo como podes estar tão desocupado e silencioso, dizes que tens muitas saudades, mas quando o tempo te sobra só procuras um passeio no deserto. Para que queres passear no deserto? «Seja como for, no deserto já estamos nós», dizes. Qual deserto, José? E que

passeio de turismo é esse, que fuga para o deserto nos tempos livres? De que foges? Do papel de carta, do telefone, do e-mail? Por que me pareces um prisioneiro à solta entre quatro paredes de um quartel no meio da poeira e do sol, com o teu capitão generoso em licenças e avaro de passeios? Por que queres fugir do quartel e passear no deserto, por que te proibem? Que perigos há no deserto? «No deserto já estamos nós». Como se o teu capitão temesse que desertasses, que tu e os outros trocassem a prisão de ficar no quartel pela liberdade de morrer à fome. E acrescentas, «A minha única felicidade é saber que não estás aqui». Assim, José, sem transição, as frases seguidas no mesmo parágrafo: «no deserto já estamos nós. A minha única felicidade é saber que não estás aqui».

Eu gostava de não perceber esta carta. Mas não posso parar. Leio, as frases começam a explicar-se umas às outras, tenho medo.

A tua única felicidade é saberes que não estou aí contigo? Sim, porque me queres poupar ao desespero. Mas o que há nesta frase que me perturba? Sabes que não estou aí e ficas feliz. Estás feliz por eu estar longe, e não telefonas, escreves pouco. Quando escreves, é para dizer que estás feliz. Feliz por eu não estar aí. Por que é que não devo estar aí, José?

Mudas de parágrafo, continuas: «Não sei se tens sabido das notícias». É outro parágrafo, mas as ideias vêm seguidas: «A minha única felicidade é saber que não estás aqui. / Não sei se tens sabido das notícias». Que estranho, José, tantas vezes o verbo saber: saber, não sei, tens sabido. Tantas vezes o advérbio não. E, umas linhas depois: «estava lá a televisão, tu hás-de ter visto no noticiário». Sim, José, vi o noticiário, vejo todos os dias todos os noticiários, como os teus pais, como os teus amigos, vemos os noticiários, os atentados, os enterros. Temos a televisão ligada dia e noite, com medo, à espera. Medo de que seja o teu enterro. Mas então, por que escreves «Não sei se tens sabido das notícias» e logo a seguir «hás-de ter visto no noticiário»? Como se fosse suposto eu saber e não saber ao mesmo tempo.

José, se eu fosse uma mulher que só sabe aquilo que sabe, esta carta seria apenas uma carta. Eu veria televisão, acreditaria em cada imagem. Mas tu sabes que não é assim. Escreves-me a dizer que acompanhe as notícias. Escreves a medo, quase com vergonha: «a televisão não mostra nada do que se passa aqui». E acrescentas o meu nome: «a televisão não mostra nada do que se passa aqui, Vera». Vera. Esta mensagem é para mim. Como se dissesse: Vera, vê a televisão, mas a televisão só te vai dar mentiras. Se não queres sofrer, vê televisão. Cega-te com a televisão para não saberes o que está escondido, porque a televisão é como o sal, queima os olhos para não veres o futuro. Mas depois lembras-te de mim, José, lembras-me que sou Vera, a maldita, aquela que saberá sempre o futuro e o passado, que não se deixa enganar pelas imagens, e acrescentas o meu nome. Como se dissesse: Vera, eu sei que não estás cega. Vês a televisão mas não acreditas na televisão, «a televisão não mostra nada do que se passa aqui, Vera». Do que se passa aqui, Vera.

O que se passa aí, José?

Sabes que vou ler esta carta mil vezes, até compreender cada letra e cada traço. Até saber tudo o que sabes e não sabes, as notícias e o que fica aquém das notícias. Tu mesmo dizes, José: «Tu, que tens esse dom de adivinhar tudo, vê se adivinhas o dia em que vou embora». Não é uma metáfora. Quando te mostrei que posso ler o teu pensamento, disseste no teu pensamento: bruxa. E talvez eu seja mesmo uma bruxa, José, porque adivinho tudo, mais tarde ou mais cedo. Mas não consigo adi-

vinhar o dia, «o dia em que vou embora». Não consigo ver. Fecho os olhos e espero uma data, mas fica tudo escuro.

«Tu, que tens esse dom de adivinhar tudo, vê se adivinhas o dia». Como se tives-
ses dúvidas sobre o meu dom. «Vê se adivinhas», como se desta vez não pudesse
adivinhar. Tens razão, não posso. Mas o que te deixa com dúvidas? Dizes: «vê se
adivinhas», em vez de «adivinha», simplesmente. Como se quisesses que eu não
adivinhasse, como se não pudesses voltar, ou não quisesses, como se preferisses
«dar uma volta pelo deserto» para sempre.

«Não sei se tens sabido das notícias, ainda vamos ficar cá mais seis meses. Tu, que
tens esse dom de adivinhar tudo, vê se adivinhas o dia em que vou embora». José,
se te anunciaram que a tua missão é de mais meio ano, para que precisas de adivi-
nhar o dia? Basta fazer as contas, acrescentar seis meses ao dia em que escreves,
chegar à data. «Vê se adivinhas o dia». Não acreditas no que escreveste, José, achas
que não vais voltar daqui a seis meses. Não sabes se vais voltar. «Vê se adivinhas».
«Vê se adivinhas», Vera. Vê, Vera.

Vê.

Eu vejo. Tu sabes que eu vejo. Nem preciso de me esforçar: o mundo rebenta nas mi-
nhas mãos. Mesmo tu, José, fazes tudo para que eu saiba, pertences a esse mundo
que rebenta. Escreveste: «Quando peguei na esferográfica, pensei que te ia mandar
boas notícias». Pensaste, José? De certeza? «Boas notícias» – outra vez a palavra
«notícias». Vê, Vera. «Pensei que te ia mandar boas notícias. Mas as cartas têm uma
força estranha, desobedecem à nossa vontade e dizem o que lhes apetece». A tua
carta desobedeceu à tua vontade, José, e disse o que lhe apetece. Que disse a tua
carta, José, contra a tua vontade? «Estou com remorsos por escrever-te uma carta
tão triste». Foi a tristeza que se entranhou nas entrelinhas? «Estou com remorsos
por –». «Estou com remorsos». «Dizem o que lhes apetece». «A minha única felici-
dade é saber que não estás aqui».

E logo a seguir: «Como tu és muito boa, eu sei que me perdoas». Perdoo-te o quê?
Enviares-me uma carta triste? Ou perdoo às cartas que desobedecem à tua von-
tade? Ou perdoo que não me escrevas? Ou que haja uma escrita nas entrelinhas?

Não sei, José.

Nem sei se sou muito boa. Acreditas na minha bondade mas eu desconfio da minha
capacidade para o perdão. Disseste nas dunas, nunca te vou mentir, e eu soube logo
que já estavas a mentir. Nesse instante decidi que te perdoaria, porque somos hu-
manos, porque às vezes é preciso perdoar. Mas não prometi que perdoaria sempre.
E tu pensaste que eu era muito boa. É o que me lembras no fim da carta: «Como tu
és muito boa». Dizes: Vera, lembra-te do que prometeste, lembra-te da tua bondade
porque eu preciso dela, «eu sei que me perdoas». Mas não acreditas no meu perdão,
José, porque logo a seguir escreves: «Quem me dera poder voltar a sentir-te». Quer
dizer que não me sentes? O laço quebrou-se? «Eu sei que me perdoas», sim, mas
«Quem me dera poder voltar a sentir-te», eu sei que, mas quem me dera. Já não
acreditas que eu te toco, que tu me sentes, «quem me dera poder voltar a sentir-te»,
«quem me dera poder voltar». E, mais acima, «Oxalá eu mereça voltar». O que queres
dizer com «voltar»? Ter uma segunda oportunidade, voltar atrás, voltar à infância?
Voltar no espaço, voltar para mim, voltar às dunas? Voltar a ser miúdo com uma
bola de futebol a bater num muro esfolado, José, há quanto tempo, foi o que eu vi
dentro dos teus pensamentos. «Quem me dera poder voltar». «A sentir-te». «Voltar».

«Oxalá eu mereça voltar».

Porquê «mereça»?

Outros três morreram, tu sobrevivês. Mas isso não te torna indigno de regressares para mim. Por que não hás-de merecer o regresso?

Logo no início escreveste: «Dava tudo para poder voltar a sentir». Será que te devo levar à letra? «Dava tudo». O quê? «Para poder voltar». «A sentir». Depois fazes parágrafo. Mas antes, parece que ias acrescentar uma palavra, há um traço, não chega a ser uma letra. «Dava tudo para poder voltar a sentir», um traço curvo, mudas de linha, recomças: «Tenho saído pouco do quartel». Voltar a sentir o quê, José? Só no fim da carta dizes: «poder voltar a sentir-te». Sou eu, sou eu que tu não sentes, já não me sentes. Sou eu, este dom de adivinhar, como dizes, eu que ainda não adivinhei, José, ainda não tinha adivinhado que o laço se quebrou. Estou tão cega. «Quem me dera poder voltar a sentir-te», dizes, quem te dera, a ti que davas tudo para me sentires, quem te dera a ti que davas, quem dera a quem dá. O que tens para dar, José? Não sei, não vejo.

Sinto-me tão lenta, tão lenta a adivinhar.

«Como tu és muito boa, eu sei que me perdoas. / Quem me dera poder voltar a sentir-te. / Prometo-te um beijo com muito amor, // José». «Prometo-te», Vera, «um beijo com». «Muito amor». Prometo que nunca te vou mentir. Prometo com muito amor um beijo. E, no início da carta, «Vera, meu amor, / / Tenho muitas saudades tuas». «Amor» é uma das primeiras palavras, e uma das últimas. A primeira palavra é Vera, a última é José. «Vera, meu amor», «Prometo-te um beijo com muito amor, // José». Prometo que nunca te vou mentir, e já estavas a mentir. E agora sabes que eu sempre soube, eu que tenho «esse dom de adivinhar tudo». Afirmas que no fundo já sabias que eu sei tudo. Tudo, o quê? Por isso te achas indigno. «Oxalá eu mereça voltar», mas achas que não mereces. «Prometo-te um beijo», mas achas que és indigno de me dar o beijo. Quem é puro pode beijar, mas quem é impuro só pode prometer. E eu não sei se sou boa, José, não sei se te perdoo isso que tu escondes, isso que a carta diz contra a tua vontade, e que eu não sei o que é.

Tenho medo.

Diz-me que não tenho razões para ter medo, José. Sentes que agora estou com medo? «Dava tudo para poder voltar a sentir». «As palpitações por causa da desidratação já passaram, habituei-me ao calor, não dou por nada». Não dás por nada. Não sentes nada.

Tenho medo.

«Vera, meu amor, / / Tenho muitas saudades tuas. Sonhei que estávamos no quarto a fazer amor. Era muito estranho, havia uma —» «Era muito estranho, havia uma grande ventoinha no tecto —» «E tu eras vermelha». «Como um morango maduro». «Tenho saído pouco do quartel». «Tu, que tens esse dom de adivinhar tudo». «Oxalá eu mereça voltar». «Estou com remorsos por escrever-te uma carta tão triste». «Estou com remorsos». «Eu sei que me perdoas». Nunca disse que te perdoava tudo. Prometo que nunca te vou mentir. E não sabias que já mentias. Então adivinha lá o que tenho na cabeça neste instante. Estás a pensar em ti, em miúdo, com uma bola de futebol e um chapéu. E o sol entre as vides. Havia formigas grandes no jardim, estás a pensar nas formigas entre as folhas do jardim, entre os morangos.

Tenho medo.

«Havia uma grande ventoinha no tecto, e tu eras vermelha como um morango ma-

duro», «ainda há dias pareceu-me que cheirava àqueles morangos de quando eu era miúdo, quando se desfaziam nos meus dedos». «Quando se desfaziam nos meus dedos». E agora, adivinha lá o que tenho na cabeça, Vera. Estás a pensar em ti, em miúdo, no jardim, a esmagar formigas, apertas as formigas com o polegar e o indicador, as formigas no meio dos morangos do jardim, olhas para as formigas, ainda mexem as patas no ar, e ris. Esmagas formigas e morangos, como uma mancha de sangue. «Quando eu era miúdo, quando se desfaziam nos meus dedos». «Tenho saído pouco do quartel». «Não há nada para fazer». Adivinha o que tenho na cabeça neste instante. Estás a pensar – tenho medo – naquele dia em que puseste um dedo numa ventoinha e te feriste e saiu sangue, provaste o sangue e gostaste. «Eu passava dias a esmagar morangos, a sentir a polpa», «Dava tudo para poder voltar a sentir», «Estou com remorsos», passava os dias a esmagar morangos, a sentir a polpa, a sentir a culpa, a polpa a culpa, as cartas desobedecem à nossa vontade, ainda há dias pareceu-me que cheirava àqueles morangos, quando se desfaziam nos meus dedos, eu passava os dias a sentir a culpa, a minha única felicidade é saber que não estás aqui, quando se desfaziam nos meus dedos, tu não estás aqui quando eles se desfazem nos meus dedos –

Tu –

Oh meu Deus, José –

Tu torturaste, José –

Tu torturaste.

Silêncio. Escuridão.

IN TEATRO I, EDIÇÕES HÚMUS, 2014

A CASA

breves mecanismos de auto-destruição

[EXCERTOS]

PERSONAGENS

A.

B.

A ou B.

FOI ASSIM QUE IMAGINEI:

Esta peça deve ser representada, não num teatro, mas numa velha casa abandonada. Mansão burguesa – já terá visto melhores dias. A peça acontece piso a piso. Em cada lugar, o público entra; senta-se, ou permanece de pé; assiste. Como se diz de uma morte: assistir-lhe. Vê-la, ajudá-la.

O encenador deve escutar a casa através dos textos, os textos através da casa. Ouvir os sítios, os fantasmas dos sítios. Multiplicar actores, ou atribuir todos os papéis a dois actores apenas. Eliminar textos. Alterar a ordem destes mecanismos, capítulos, acontecimentos, conforme a casa. E, claro, a casa conforme os textos.

ÍNDICE DOS PISOS E DOS SÍTIOS:

SUBSOLO: a cave

RÉS-DO-CHÃO (INTERIOR): a sala de estar, a cozinha, a despensa, o quarto

RÉS-DO-CHÃO (EXTERIOR): o jardim

PRIMEIRO PISO: o outro quarto, a biblioteca

SEGUNDO PISO: o sótão

RÉS-DO-CHÃO (EXTERIOR): o saguão

A CAVE

Escuro. Tilintar de chaves; uma chave numa fechadura: clic. Ao fundo, abre-se uma porta; claridade suja. Dois vultos entram.

A
Não se vê nada.
B
Espera aí.

B *entra, desaparece na escuridão.*

A
Então?
B
Espera.

Caixas de madeira caem: estrondo. B, no escuro, terá chocado contra elas. B contém um gemido de dor.

A
Estás bem? Que foi isso?
B
Estou bem, estou bem.
A
Que foi?

B
Umas caixas, não sei quê.

A
Caixas? Quais caixas?

B
Espera aí, deixa-te estar aí.

B *anda no escuro.*

B
Já encontrei os fusíveis, vou ligar.

A
Devias ter trazido uma lanterna. Se me tivesses avisado, eu trazia uma lanterna.

B
Não precisas de uma lanterna para nada, eu acendo –

B *ligou os fusíveis: algumas lâmpadas penduradas do tecto acendem. Luz fria, clínica. Uma cave desolada. Alguns caixotes de madeira, vazios.*

B
Pronto.

A
Ah.

A avança.

B
Fecha a porta.

A
Porquê?

B
Porque sim.

Pausa.

A
Está bem.

A recua, fecha a porta. Silêncio.

B
É isto.

A
Pois.

B
Não está mal.

A
Pois não.

Silêncio.

B
Dizemos que sim?

A
Que é que havemos de dizer?

B
Olha lá, se nos mandaram vir cá ver é para dizermos o que achamos. Se acharmos bem dizemos que serve, se acharmos mal dizemos que não serve, que procurem outra.

A
Outra quê?

B
Outra cave. Tu hoje estás muito lento.

A
Estou a precisar dum café.

B
Querias tomar café tomasses antes de vir, agora aqui não há café, agora temos de ver se isto está em condições, ver se – Estás a ouvir?

A
Peritagem.

B
O quê?

A
Peritagem. Fazer a peritagem. Não é assim que se diz?

B
Sim. Sei lá. Acho que isso é para os carros.

A
Ah.

B
...ver se isto serve. Não é complicado.

A
Não.

B
Tomasses café antes de vir.

A
Já percebi.

B
Não há nenhum café lá fora, não sei se reparaste.

A
Há, há.

B
Onde?

A
Do outro lado do viaduto.

B
Do outro lado do viaduto, já viste há quantos quarteirões isso foi?

A
Pois.

B
Do outro lado do viaduto!

A
Pois.

B
Oh!

B *decide ignorar A. Explora a cave: atravessa o espaço com passadas certas, como quem mede; apalpa as paredes, bate com os nós dos dedos nas paredes; olha para o tecto, parece seguir uma linha (fenda? tubo? fio eléctrico?). Depois,*

A
Detesto que faças isso.

B
O quê?

A
Isso, «oh».

B
Ainda estás a cismar? Tu não estás bom.

A
Ai, eu é que não estou bom? Não me pagam para isto.

B
Olha, em primeiro lugar: eles pagam-te para tu trabalhares, e eu é que estou aqui a fazer tudo sozinho –

A
Está bem, está bem, vamos lá a despachar, o que é para fazer?

B
Estás farto de saber.

A
Diz lá.

B
Oh.

A
Pronto, outra vez.

B
Outra vez o quê?

A
Outra vez «oh».

B
Está calado.

A
Não, é que tu não dás conta. Tens esse tique. É nervoso. Uma vez conheci um tipo –

B
Está calado, está-me uma bocado calado, não queres ajudar não ajudas, não quero saber, mas deixa-me ver isto e depois vamos embora, está percebido?

A
Sim.

B
Pronto.

A
Pronto.

Silêncio. B estuda as paredes. A dá um pontapé a um dos caixotes; ruído súbito. B assusta-se.

B
Estás quieto?

A
Calado, quieto, se trabalho é porque trabalho, se não trabalho é porque não trabalho...

B
Oh!

A
Outra vez!

B *vai reagir. Domina-se, decide ignorar. Escolhe um tom contido.*

B

As paredes estão boas. Dizem que não há infiltrações, mas isto é preciso desconfiar, deitam-lhe uma camada de tinta e disfarça, depois vem aí a chuva e começa a ficar tudo preto.

A

Pois.

B

Canos, luz, dizem que está tudo em ordem. Não sei.

A

Pois.

B

Não estás a ajudar nada.

A

Pois.

B

Eu por mim acho que serve...

A

Pois. Fecha lá isso e vamos tomar café.

A afasta-se em direcção à porta. B está no centro, junto aos caixotes.

B

Que é isto?

A

Caixotes.

B

Que são caixotes sei eu. Dentro.

A

Sei lá. Importa?

B

Espera.

B tira dos caixotes um punhado de cartões. Deixa-os cair outra vez no caixote, e em torno do caixote.

A

O que é?

B

Cartões de visita.

A

Que é isso, cartões de visita?

B

Não sabes?

A

Eu não, sei lá.

B
São uns cartões que... para as pessoas... quando vão a algum sítio e encontram alguém...

A
Não estou a captar.

B
Cartões de visita, caramba. Com o nome da pessoa, com os contactos.

A
Que é que estão aqui a fazer?

B
Não sei, parece que isto dantes já foi uma tipografia. Se calhar faziam aqui.

A
Se isto era uma tipografia onde estão as máquinas?

B
Levaram.

A
Levaram as máquinas e deixaram os cartões?

B
Pelos vistos.

A
Olha lá, isso vale alguma coisa?

B
O quê, os cartões?

A
Sim. Deixaram aí, é porque não os querem. Achado não é roubado.

B
Para que é que tu queres isto?

A
Depende. Vale alguma coisa?

B
Não.

Pausa.

A
Quem era o figurão? Mostra.

A *vai espreitar os cartões na mão de B.*

B
Conheces?

A
Não sei, esse nome diz-me alguma coisa...

B
Olha, a mim não me diz nada.

A
Pois. A mim também não.

B
«Engenheiro», «Harvard»...

A
Esquece. Vamos embora.

A *afasta-se outra vez até ao fundo, abre a porta.*

B
Que estás a fazer, estás maluco? Fecha isso.

A
Porquê?

B
Estás a perguntar porquê? Podem ver-nos cá dentro.

A
Quem é que nos pode ver? Não há ninguém.

B
Não sabes.

A
Do viaduto até aqui não vimos ninguém.

B
Tu não viste ninguém, mas não sabes se alguém te viu. Fecha essa porta.

A
O que era ali?

B
Ãh?

A
Do outro lado.

B
Sei lá, armazéns, para que é que queres saber?

A
Não tem ar de armazém.

B
Isto são tudo armazéns abandonados.

A
Daquele lado não parece.

B
Olha, era um matadouro. Diz que era um matadouro. Já fechou há uma porrada de anos. Estás satisfeito? Agora sai daí, fecha-me essa porta.

A
Um matadouro? O quê, de bois?

B
Fecha-me essa porta.

A *fecha a porta.*

A
Não sei como é que as pessoas conseguem trabalhar lá.

B

Onde?

A

Nos matadouros.

B

Não percebes? Porquê?

A

Os bois. Os olhos dos bois.

B

Que é que têm?

A

Já viste? Por dentro. Por dentro dos olhos dos bois. Sabes?

B

Tu não comes carne?

A

O quê?

B

Carne. Bifes. Não comes? ãh?

A

Como.

B

Diz lá, que eu não ouvi. Diz lá outra vez. Comes ou não comes?

A

Aquilo não é nada um matadouro.

B

Aquilo era um matadouro.

A

Não era nada.

B

Oh.

Amuam. A cruza os braços. B arruma nos caixotes os cartões que ficaram espalhados no chão.

A

Que estás a fazer?

B

Que te parece?

A

Eles vão deitar isso tudo fora.

B

Desarrumámos, arrumamos.

A

Bom proveito.

B

Obrigado.

A
Cartões de visita do senhor engenheiro.

Silêncio. B acaba de arrumar.

B
Pronto.

A
Embora.

B
Espera aí, não podemos ir embora assim.

A
Porquê?

B
As paredes.

A
Que têm as paredes?

B
Então, ainda não vimos as paredes.

A
?

B
A peritagem.

A
Ah, a peritagem das paredes. A peritagem das paredes. Ó pá, não é preciso...

B
Eles mandaram-nos cá para nós vermos isto, para dizermos o que achamos, e tu queres ir-te embora sem ver se as paredes –

A
Não há crise, não há crise, vemos as paredes e vamos embora.

B
É o que eu digo, vemos as paredes e vamos embora, fazemos a experiência e quando nos perguntarem dizemos –

A
Já podíamos ter feito a experiência, já estávamos no café a esta hora.

B
Olha, estou farto de te ouvir, estou fartinho, mas mesmo fartinho de te ouvir.

A
Que queres que te faça?

B
Nada. Nada. Só quero fazer a experiência e ir embora. Está bem? Tu ficas aqui e eu vou –

A
Ah, não, não, desculpa lá mas desta vez eu saio e tu é que ficas aqui –

B
Não, da última vez –

A
Da última vez não me lembro, o que eu sei é que acabo por ficar sempre eu –

B
Da última vez eu é que fiquei –

A
Desculpa lá.

B
Isto tem de ser à vez.

A
Não me interessa, estou farto de ser eu.

B
Tu dás-me cabo do juízo, palavra de honra.
Pausa.

B
Olha, moeda ao ar, queres?

A
Quero.

B
Pronto.

A
Tens aí?

B
Tu não tens?

A
Anda lá.

B *tira uma moeda do bolso das calças.*

B
Cara, fico eu cá dentro – coroa, ficas tu.

A
Não, ao contrário. Cara, fico eu – coroa, ficas tu.

B
Que é que isso importa?

A
Importa.

B
Vai dar ao mesmo.

A
Cara, fico eu.

B
Está bem. Pode ser.

A
Coroa, coroa.

B *atira a moeda ao ar. Apanha-a no ar, espalma-a contra as costas da mão esquerda. Levanta a mão direita. Saiu coroa.*

A

Ah!

B

Ó pá, da última vez fui eu –

A

Nós combinámos. Desculpa lá.

B

Raios partam esta porra toda.

A

É isso tudo.

B

Anda lá. Ainda aí estás?

A

Já vou, já vou. Até dez?

B

Até dez. Vai lá embora.

A

Até dez.

***A** afasta-se até à porta, abre-a, sai, fecha-a.*

***B** fica sozinho. Impassível, com um gesto mecânico conta, para dentro, lentamente.*

B ...oito, nove, dez.

*De repente, **B** desata a gritar muito alto, desesperado, numa voz aguda. Torce-se, geme, como se estivesse em pânico.*

B

«Não! Nããão! Por favor nããão! Misericórdia!!!»

*Fica de novo impassível. Aguarda. Finalmente, a porta abre-se, **A** entra.*

A

Já fizeste?

B

Já.

A

Perfeito. Não se ouve nada.

B

Sério?

A

Sério. Nada de nada.

B

Pronto. Então dizemos que serve?

A

Sim.

B

Serve.

A SALA DE ESTAR

Ao fundo, uma estante com livros. Ao centro, uma mesa baixa. De cada lado da mesa, frente a frente, dois cadeirões. Um candeeiro pende do tecto. Conforto, sobriedade, cultura, limpeza, silêncio.

Entra A. Fato completo, gravata. Elegância interiorizada. A sua roupa é como uma segunda pele, natural. Abre o botão do casaco e senta-se num cadeirão.

Entra B. Indumentária semelhante, mas de menor qualidade. Veste o fato com cuidado, não pode estragá-lo. Abre o botão do casaco e senta-se no cadeirão em frente a A.

A e B frente a frente, próximos.

Olham-se, em silêncio. Não se ignoram, mas não se cumprimentam. Decerto não é a primeira vez que estão nesta situação. Pausa.

A tira a carteira do casaco. Metodicamente, retira uma nota. Pousa a nota na mesa baixa. B observa, e inclina um pouco a cabeça, confirmando que está tudo correcto. A volta a guardar a carteira. Pausa.

A soergue-se do cadeirão, aproxima-se de B. A dá uma bofetada a B. B fica com a cara de lado.

Imóveis, ambos. Pausa.

A volta a sentar-se. **B** fica na mesma posição, com a cara de lado. Pausa.

A tamborila com os dedos no braço do cadeirão, olhando sempre para B. B não reage. Pausa.

Finalmente, A levanta-se. Abotoa o casaco. Contorna o seu próprio cadeirão. Completa uma translação. Depois, continua a caminhar, sempre muito lento, como se precisasse de ocupar o tempo; a translação começa a abrir uma espiral: roda agora em torno da mesa, a seguir em torno do segundo cadeirão, onde está B, imóvel, por último na periferia da sala. Pára em frente aos livros. Está de costas. Abre um livro. Está de perfil. Lê em silêncio.

Com o livro aberto nas mãos, olha para B, que acaba de voltar à posição inicial. A olha para B como se lhe fosse ler uma página do livro. Mas parece desistir. Volta a pôr o livro na estante. Retoma o percurso circular: mais uma volta, lenta, que rasa o público. Fecha a espiral e vai sentar-se de novo no cadeirão, desabotoando o casaco, em frente a B. Pausa longa.

De repente, A soergue-se e dá a B uma segunda bofetada, mais forte. Imóveis ambos. Pausa. A volta a sentar-se. Pausa.

B olha para **A**. Lentamente, estende a mão e pega na nota. Tira a carteira do casaco, guarda a nota na carteira, guarda a carteira no casaco. Pausa.

A tira um maço de cigarros do casaco. Tira um cigarro. Estende o maço a **B**. **B** não quer nenhum cigarro. **A** volta a guardar o maço, tira um isqueiro, acende o cigarro. **A** fuma o seu cigarro, olhando sempre para **B**. Pausa.
B olha para o fumo a subir do cigarro para o tecto da sala. A luz do candeeiro enfatiza as volutas. **A** observa **B** a observar o fumo. Pausa longa.

A levanta-se, abotoa o casaco, afasta-se, sai. Algum tempo. Som de um autoclismo. **A** regressa, sem cigarro, rapidamente. Aproxima-se de **B**. Mas **B** olha com rigidez para **A**. **A** estaca. Tira a carteira, tira uma nova nota da carteira, põe a nota em cima da mesa. **B** olha para a nota, afrouxa o olhar. **A** compreende. **A** dá uma bofetada a **B**. A cara de **B** está de lado. Imóveis ambos. Pausa breve.
A dá mais uma bofetada a **B**. E mais outra. E mais outra. E mais outra. Pausa. **A** está inclinado sobre **B**, ofegante. Instintivamente, **B** levou o braço à cara, para se proteger. Não pôde impedir o gesto. Devagar, deixa cair o braço. Tem duas lágrimas involuntárias na cara. **A** afasta-se um pouco.

Pausa. **B** olha para a nota. Olha para **A**, sempre ofegante. Olha para a nota. Pausa. **A** compreende. Tira a carteira, retira mais uma nota, põe esta terceira nota por cima da segunda, fica imóvel com a carteira na mão.
B estende a mão para a mesa, pega nas duas notas, tira a carteira e guarda as duas notas. **B** conserva a sua carteira nas mãos. Pausa.

A já não está ofegante. Continua imóvel, também com a sua carteira na mão. Devagar, abre a carteira, mostra a carteira a **B**: está vazia.
A volta a guardar a carteira, enquanto **B** se levanta. **B** abotoa o casaco.

Pausa. Os dois homens olham um para o outro. Muito breve, quase imperceptível inclinar de cabeças, em jeito de saudação.

A e **B** saem.

O QUARTO

Um homem encapuçado: é um carrasco. Sentado numa cadeira. Apenas lhe vemos os olhos, que nos fitam. Impossível perceber a expressão da cara sob o capuz. Liga um leitor de mp3. Ouvimos: a ária Ich habe genug, da cantata BWV 82 de Johann Sebastian Bach.

Ouvimos e ouvimos.
Por fim, silêncio.

O carrasco levanta-se e sai.

O SAGUÃO

Um saguão, entre muros sujos. Uma pequena montanha de lixo acumulado: sacos em plástico, bocados de madeira, peças de metal, detritos orgânicos, tudo misturado. Luz escura: como se fosse chover a qualquer momento.

A e B andam sobre o lixo, inclinados. Levam, cada um, um saco plástico. Andam, andam. Dobrados. Mexem no lixo, com os pés, com as mãos. Muito tempo. Finalmente,

A
(pega num telemóvel escangalhado.) Ó.

B
Que é?

A
(mostra.)

B
Hum.

A
Diz lá.

B
Vinte cêntimos.

A
Só?

B
Se tanto.

A
Acho que consigo sacar uns trinta.

B
Olha, tenta.

A
Ainda se aproveitam as peças.

B
Pois claro.

A
(encosta o telemóvel ao ouvido.) Ó.

B
Que é agora?

A
Faz barulho.

B
Dá cá. *(Pega no telemóvel, encosta-o ao ouvido.)* Só se for dentro da tua cabeça.

A
Dentro da minha cabeça, o que é que queres dizer, dentro da minha cabeça?

B
(gesto: um parafuso a menos.)

A
(vai reagir; pensa melhor; encolhe os ombros; mete o telemóvel no saco.)

Silêncio. Continuam a remexer o lixo.

A
(olha para o céu.) Ó.

B
Diz.

A
Quanto tempo?

B
Pra quê?

A
(aponta para o céu.)

B
(arregaça a manga, mostra o relógio de pulso.) Pilha.

A
Ah. *(Pausa.)* Se a gente encontrasse uma.

B
Uma quê?

A
Pilha.

B
Não há aqui pilhas.

A
Como é que sabes?

B
Sei.

A
Como é que sabes?

B
Alguma vez encontraste alguma –

A
(vai responder)

B
– que funcionasse?

A
(não responde; pausa breve; olha para o céu.) Deve estar aí mesmo, mesmo –

B
Olha lá o que estás a pisar.

Silêncio. Remexem.

A
(pega num sapato velho.) Ó.

B

Dez.

A

Dez?

B

Se encontrares o outro, praí trinta.

A

Se for um, dez, se for os dois, trinta.

B

Se for completo dão mais.

A

Sei lá do outro.

B

Procura.

A

Não 'tá aqui.

B

Se 'tá um 'tá o outro.

A

Não sabes. Pode alguém ter levado.

B

Procura.

A

Se calhar levaste tu.

B

Quê, o outro? Não levei nada.

A

Se calhar levaste.

B

Já te disse que não levei nada, se 'tá aí um 'tá aí o outro, procura.

A

(pausa breve; desiste de procurar, põe o sapato no saco.)

Grão a grão enche a galinha o papo.

B

É isso tudo.

Silêncio. Só B remexe no lixo.

B

Olha. *(Pega numa máquina.)*

A

Isso o que é?

B

Não sei.

A

Pra que é que serve?

B
(*gesto: não sabe.*)

A
Tem aí uma manivela.

B
(*vai girar a manivela.*)

A
'pera aí, 'pera aí, vai mexer nisso? Não sabes o que isso é.

B
E depois?

A
Ainda te rebenta nas mãos, ainda te leva uma mão.

B
Achas? Com uma manivela?

A
Sei lá. 'pera aí. (*Afasta-se.*)

B
Já posso?

A
Já.

B
(*gira a manivela: ruído agudo.*)

A
É só isso?

B
(*atira a máquina para o monte de lixo.*)

A
(*aproximando-se, pegando na máquina.*) 'tás maluco? Agora deitas fora?

B
Pra que é que queres isso?

A
Isto pode dar alguma coisa.

B
Se te derem cinco por isso é muita sorte.

A
Cinco cêntimos é dinheiro.

B
Prà trabalhadeira de levar isso, não vale a pena.

A
Pra mim vale.

B
Olha que bom pra ti.

A
Pois é.

B
Pronto.

A
Pronto. *(Guarda a máquina.)*

Silêncio. A olha para o céu.

A
Praí mais dois minutos ou coisa assim. *(Pausa.)* Tá mesmo, mesmo –

Silêncio.

B
Olha. *(Levanta um taco de hóquei, em bom estado.)*

A
Que paio!...

B
Não é?

A
Que paio, caramba, que sorte que tu tens, pá...

B
Quem procura encontra.

A
Que sorte...

B
Já cá canta.

A
Quanto achas que te dão?

B
Praí cinquenta, é capaz.

A
Cinquenta, qual cinquenta? Dão-te praí um euro.

B
Um euro não sei.

A
Isso 'tá novo, dão-te um euro.

B
Era bom.

A
Que sorte.

B
(tenta pôr o taco dentro do saco; é grande de mais; volta a ajeitar.)

A
Que sorte que tu tens...

B
Olha, vou encostar aqui. *(Vai pousar o taco mais longe.)*

A
'tá bem.

B
É meu.

A
Eu sei, pá. Também não sou desses. Eu vi que foste tu que encontraste. Não vou pegar.

B
Pronto.

A
Não sou desses.

B
'tá, já ouvi.

A
Mas que tiveste um paio do caraças, tiveste.

B
Anda lá, procura.

A
Oh, eu. (*Desânimo.*)

Silêncio. Remexem.

A
Ó.

B
Encontraste?

A
Encontrei isto. (*Pega numa caveira.*)

B
Ei.

A
Olha qu'esta.

B
Como é que isso foi parar aí, gostava de saber.

A
Primeira vez.

B
Hum?

A
Que me acontece uma destas.

B
Tem aí mais?

A
Hum?

B
Ossos.

A
Hum. (*Não.*)

B
Deita isso fora, pá.

A
Achas que me dão alguma coisa?

B
O quê, vais levar? 'tás maluco.

A
Podem dar alguma coisa.

B
Pra que é que eles querem isso?

A
Sei lá, podem querer.

B
Pra quê?

A
Sei lá, pra fazer coisas.

B
Que coisas?

A
Sei lá, coisas. Sei lá.

B
Deita isso fora.

A
Achado não é roubado. (*Guarda no saco.*)

B
Tu é que sabes.

A
Pois sei.

Ruído vindo do céu.

B
Olha.

A
Eu bem dizia.

B
Vamos lá.

*Com os sacos na mão, descem de cima do lixo, e vêm refugiar-se perto do público.
Olham para o palco.*

De repente, B volta a escalar o lixo.

A
Que é que 'tás a fazer? Não ouviste? (*Aponta para o céu.*)

B
Já vou.

A
Sai daí!

B

Esqueci-me disto. *(Pega no taco de hóquei e volta a descer o lixo.)*

A e B estão junto do público, olhando o lixo.

Lentamente, do céu, começa a cair lixo. Papéis, sacos de plástico, poeira, por vezes uma peça de metal. Cai, lentamente, o mais lentamente possível, lixo – como se fosse chuva, ou neve. Como se cada bocado de papel, de tecido, de algodão, pairasse no ar.

Johann Sebastian Bach, Ich habe genug.

A e B olham, abrigados, junto do público, em silêncio.

O lixo amontoa-se, mistura-se, levanta uma nuvem de pó. Por fim, começa a escassear: apenas poeiras, tiras de algodão. Tudo acalma.

Tempo.

Devagar, A e B voltam a escalar o monte de lixo. B pousa o taco de hóquei no monte de lixo. Recomeçam a vasculhar.

Silêncio. Escuridão.

IN TEATRO II, EDIÇÕES HÚMUS, 2014

PEDRO E INÊS
comédias sobre o amor e a morte a partir dos estereótipos
[EXCERTOS]

PERSONAGENS

Pedro e Inês

Pedro e Inês

Peter e Agnes

Pedra

Peduru e Inesa

Piotr e Ineschka

Inese

Pier e Inese

Peter e Ines

Inês

Don Pietro e Dona Agnese

Pedro e Inês

Pedro e Inês

Emenda 1 (Salomão)

PEDRO e **INÊS** *num quarto de casal. Amorosos.*

PEDRO

Minha corça de bruços, minha greve de fome, minha linha da vida, aguaceiro de lágrimas.

INÊS

Meu suspeito de atentado, minha régua de ogivas, enfermeiro de saudades, traficante de incêndios.

PEDRO

Minha notícia de última hora, minha bala perdida, meu atraso de comboio.

INÊS

Meu feirante de sangue, empresa para demolições, homicídio de adrenalina.

PEDRO

Minha alfândega dos dias.

INÊS

Meu adufe de liberdade.

PEDRO

Eu te kama sutra, eu te cântico dos cânticos.

INÊS

Eu te virgem pálida, eu te deboche infinito.

PEDRO

Eu te serial killer.

INÊS

E eu te fantasia reactiva.

PEDRO

Eu te satiricon, eu te decameron.

INÊS

Eu te protesto, eu te horas extraordinárias.

PEDRO

Meu bordel de todos os trabalhadores.

INÊS

Meu sindicato dos travestis unidos.

PEDRO

Que órgãos me secretarias com boca de espuma?

INÊS

Que criança me disparas nos braços do mundo?

PEDRO

Porque te amo, te cruzo, te benzo e profano.

INÊS

Porque te empurro uma toalha pelo tutano.

PEDRO

Como viveria sem teu leilão de gritos?